

## A relevância da música na formação humana e inclusiva

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.002-032>

**Octávio Guadagnin Tecchio**

E-mail: [guadagninoctavio@gmail.com](mailto:guadagninoctavio@gmail.com)

---

### RESUMO

este trabalho consiste em uma abordagem qualitativa a respeito da relevância da educação musical na formação inclusiva, e especificamente, direcionada a indivíduos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista ou com uma Deficiência Visual. O artigo começa introduzindo a problemática que desencadeou este trabalho, seguida pela introdução, primeiro, segundo e terceiro tópico, considerações finais e as referências. A bibliografia deste TCC, fora norteadas pelos princípios educacionais de Carla Pereira dos Santos, Isabel Maria Filipe Irra Marques Bernardino, Keith Swanwick, Teca de Alencar Britto, Viviane Louro; dentre outros.

**Palavras-chave:** Música, Educação Musical, Educação Inclusiva, Deficiência.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, foi desenvolvido após duas importantes experiências, realizadas de forma voluntária pelo autor, com o intuito de compreender e responder o seguinte questionamento: como a Música, em sua abordagem científica ou artística, pode contribuir no desenvolvimento e na formação de indivíduos especiais? Procurando e refletindo a respeito da resolução dessa pergunta, surgiram as seguintes hipóteses: 1) a educação musical pode contribuir no desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras e, sociais do público alvo; 2) no que trata a sua compreensão artística, a Música, pode contribuir no autoconhecimento do sujeito, em suas habilidades criativas e no seu senso crítico. Os estágios foram realizados em duas instituições sem fins lucrativos, sediadas no município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil; sendo a primeira a *Associação Cristã de Deficientes - ACD - e*, a segunda, a *Associação de Pessoas Cegas - APACE*. A abordagem metodológica empregada na ACD, fora designada para tratar com crianças de 8 a 12 anos, diagnosticadas com o *Transtorno do Espectro Autista*, e na APACE, buscou-se adaptar o ensino individualizado de instrumentos melódicos, para adolescentes e adultos diagnosticados com perda parcial ou total da visão. Com relação à prática pedagógica, buscou-se aprofundar nos conceitos desenvolvidos pelo autor *Keith Swanwick* e seu método de “Ensinar Música Musicalmente”, ou seja, de aproximar o ensino à bagagem de conhecimentos musicais trazidos pelos alunos, pois:

Temos de estar conscientes do desenvolvimento e da autonomia do aluno, respeitar o que o psicólogo Jerome Bruner chama de “as energias naturais que sustentam a aprendizagem espontânea”: curiosidade; desejo de ser competente; de querer imitar os outros; necessidade de interagir socialmente. Não podemos nos eximir de compreender tudo o que está envolvido com esses aspectos. (SWANWICK, 1999, p. 67).

No total, foram aplicadas seis aulas, no tempo de 30 a 40min as coletivas, e, 1h as individuais. A duração das aulas, fora planejada em detrimento dos educandos terem consideráveis distâncias em suas faixas etárias.

## 2 A MÚSICA ENQUANTO AGENTE SOCIAL

Segundo Swanwick (1999), a Música, em todos os seus aspectos, engloba uma forma de discurso<sup>1</sup> tão antiga quanto a raça humana, um meio no qual as ideias acerca de nós mesmos e de outrem são elaboradas em formas sonoras. O autor também argumenta que, enquanto discurso, a Música pode ser socialmente reforçada ou culturalmente provocativa, com a sua compreensão, despertada no momento ao qual torna-se esclarecedora e recompensadora.

---

<sup>1</sup> Swanwick (1999) ao apresentar a definição de Música enquanto discurso, enfatiza o uso dessa palavra em um sentido diferente do técnico ou usual, mas como um argumento ou expressão de pensamento, uma simbologia; a qual se manifesta por uma variedade de caminhos além de frases e palavras (p.18).



Como discurso, a música significativamente promove e enriquece sobre nós mesmos e sobre o mundo. Não é de se admirar que a música seja tão frequentemente interligada com dança e cerimônia, com ritual e cura, e que tenha um papel central em celebrações marcantes da vida: nascimento, adolescência, casamento, morte (SWANWICK, 1999, p.18).

O autor também reflete a respeito da ser considerada a mais abstrata entre todas as artes, pois, a mesma tem o poder de sugerir peso, espaço, tempo e fluências vitais. Não um, e sim variados elementos de sentimentos podem ser configurados dentro de um simples encontro musical, dando-lhe uma enorme significância (SWANWICK, 1999, p. 35). Estes sentimentos argumentados pelo autor, vão de encontro ao seu raciocínio de compreender o âmbito musical como uma forma de pensamento em diversos níveis metafóricos - espécies de analogias - onde diversos insights ou interpretações de experiência com determinada música, torna-se possível. Cientes a respeito desta compreensão estética da Música e, conseqüentemente, da educação musical, diversos profissionais deste nicho procuram estudar e aplicar diferentes metodologias que vão de encontro ao saber musical do educando, de seu repertório cotidiano (SWANWICK, 1999, p. 46). Para Arroyo (2002), a terminologia “Educação Musical” abrange mais do que, somente, a educação formal, pois inclui, o ensino e a aprendizagem informal de Música (p.1). Diferentemente à época que antecede o século XX onde a educação musical era, até então, compreendida como o ensino da Música europeia, sabe-se com os estudos da Etnomusicologia que a música produzida na África tem a lógica de cultura desta população, não precisando ser fundamentada unicamente no padrão do sistema de Música tonal, elaborado pela teoria musical europeia (ARROYO, 2002, p.3). Como argumentado por Britto (2001), os processos de educação musical cujo objetivo está na formação integral do ser humano, só podem acontecer nas realidades em que estimulem os educandos a argumentar, criar, explorar, questionar e, conseqüentemente, pensar (pg.3). Swanwick (1999) também ressalta que, os métodos e técnicas repassado aos educandos, de nada adiantam se o “fazer musical” não se vincular com o indivíduo que o estiver executando uma determinada música.

Olhar um professor de música eficiente trabalhando (em vez de um “treinador” ou um “instrutor”) é observar esse forte senso de intenção musical relacionado com propósitos educacionais: as técnicas são usadas para fins musicais, o conhecimento de fatos informa a compreensão musical. A história da música e a sociologia da música são vistas como acessíveis somente por meio de portas e janelas em encontros musicais específicos. É apenas nesses encontros que as possibilidades existem para transformar sons em melodias, melodias em formas e formas em eventos significativos de vida.(SWANWICK, 1999, p.58).

O argumento do autor também vai de encontro à uma das ideias daquele que é considerado o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, o qual comenta a respeito da aprendizagem realizar-se, apenas, havendo um significado para o sujeito que a apreende.

## 2.1 MÚSICA E SAÚDE MENTAL

Para Kardeck (1857), a definição de maior racionalidade a respeito da palavra “alma”, trata de compreendê-la como um ser imaterial e individual que reside em nós, sobrevivendo ao corpo (p.08). Independentemente do ponto de vista, científico ou religioso, fato é de que a Música acompanha o homem desde os seus primórdios, e mesmo com o avanço da ciência, a compreensão de como esta age sobre os seres humanos ainda permanece um desafio e mistério à ser estudado pela ciência (ALVES, C., C., S., S., F., 2016, p.2). Sabe-se que a Música também pode ser utilizada em fins terapêuticos como no tratamento a dependência química, a depressão, estresse e transtornos como o próprio TEA. A ciência também mostra, segundo Alves (2016), que os efeitos causados em função da audição de uma obra musical tornam-se cada vez mais evidentes, como: alteração na pressão arterial, alterações na frequência cardíaca e respiratórias, aceleração do metabolismo, relaxamento muscular, redução de estímulos sensoriais como dor e outros.

O movimento das vibrações sonoras nas cavidades de ressonância do cérebro e no líquido cérebro-espinhal produz um tipo de massagem sônica que, de acordo com a qualidade do som, desencadeia efeitos benéficos ou não ao sistema biopsicoenergético. (ALVES, C., C., S., S., F., 2016, p.6).

Os respectivos autores também argumentam que, no âmbito da enfermagem, uma canção pode ser utilizada pelo enfermeiro em diferentes momentos e com diversos propósitos no tratamento de seu paciente, como: relaxar, confraternizar, resgatar lembranças de acontecimentos passados. Em casos de pacientes com doenças incuráveis, constata-se que, o uso de uma música “pode aliviar o desconforto e ansiedade de pacientes que experienciam a terminalidade, assim como promover um ambiente mais prazeroso aos familiares que participam do cuidado” (ALVES, C., C., S., S., F., 2016, p.7). Também alegra o ouvinte e é, normalmente, preferível ao silêncio em caso de pessoas com dores, pois o silêncio pode expandir sua consciência ao desconforto. O estudo de Alves (2016) e demais autores, tratam a respeito da influência que os gêneros e estilos musicais, tanto do âmbito popular quanto do erudito, podem provocar em um sujeito, como: na frequência de batimentos cardíacos de um indivíduo, o seu estado de humor através do andamento na qual se encontra a respectiva canção, as sensações de alegria, felicidade ou melancolia, causadas pela tonalidade na qual a música se encontrava..

## 2.2 MÚSICA E PROJETOS SOCIAIS

Ao tratar de educação e educação musical, convém lembrar de que nos situamos em um país onde a maioria da população sobrevive recebendo menos de um salário mínimo, ou seja, o acesso às aulas de Música, Artes Visuais, Teatro, e dentre tantas outras áreas do conhecimento, torna-se complexo. Ciente a respeito da realidade, Dos Santos (2007) ressalta a importância da qual os projetos sociais tomaram na sociedade, visto, que buscam suprir as deficientes iniciativas sociais adotadas pelo



governo, “causando impacto e interagindo diretamente com a sociedade, ao contribuir positivamente para a recuperação da ação educativa e cultural de crianças com baixa renda” (p.2). É argumentado também pela autora, de que as propostas de cunho social dos projetos, atuam juntos às comunidades como agentes propiciadores de desenvolvimento individual e sociocultural, tomando parte do processo de educação integral e, possibilitando, a conquista de cidadania destes indivíduos enquanto pessoas críticas e participativas inseridas na sociedade. Quanto à educação musical em projetos sociais, Dos Santos (2007) concorda que possui a função de promover no indivíduo a compreensão e consciência de si próprio e do mundo em uma maior abrangência, bem como, dos aspectos não comuns em seu cotidiano, resultando em um olhar fidedigno e enfim criativo de sua realidade. A autora também reflete a respeito da forma pela qual a educação musical, infelizmente, é compreendida por uma grande parte das organizações, ou seja: como uma forma de lazer ou integração social, o que desvaloriza o seu potencial educativo.

Nesses casos, o que ocorre é uma interpretação deturpada daquilo que deveria ser a valorização e aproximação do contexto sociocultural dos alunos. Assegurado dessa visão errônea, com um discurso voltado para o desenvolvimento global dos indivíduos e inclusão social, muitos projetos se mantêm, com base em um repertório massificado e difundido pelas rádios e televisões, sem conseguir utiliza-lo como ponte para o gradativo desenvolvimento estético e musical, ao explorar de forma criativa sua riqueza e possibilidades musicais. (DOS SANTOS, 2007, p.3).

A autora também reflete a respeito da forma pela qual a educação musical, infelizmente, é compreendida por uma grande parte das organizações, ou seja: como uma forma de lazer ou integração social, o que desvaloriza o seu potencial educativo. No que compete aos repertórios utilizados nos projetos sociais, percebe-se novamente a influência de Swanwick (1999) pelo fato de usufruir de canções amplamente divulgadas nos meios de comunicação, as quais estão aproximadas do universo musical dos educandos. Podem ser consideradas como um excelente elemento motivador da prática educativo musical, quando exploradas criativamente pelo educador. Importante destacar que, de acordo com a autora, com o significativo número de projetos sociais existentes, um maior número de profissionais habilitados para trabalhar nessas instituições são procurados; entretanto, nem todos mostram-se capazes de realizar um trabalho voltado para o âmbito da educação inclusiva, pois necessitam de uma estratégia adequada junto às comunidades, com vistas a fim de desenvolver um ensino vivo e criativo. (DOS SANTOS, 2007, p.4).

### **3 COMPREENDENDO UM INDIVÍDUO ESPECIAL e a educação inclusiva**

Denominado como “especial” ou “portador de deficiência”, o indivíduo pertencente a esta categoria da população, tem como característica a limitação ou incapacidade para o desempenho de atividades consideradas simples à maioria das pessoas (SECRETARIA DO ESTADO DOS DIREITOS DE PESSOA COM DEFICIÊNCIA, s/d, p.8). Nesta mesma categoria, existem ao todo quatro variáveis



de deficiências, como: física, auditiva, visual e mental; além de que há pessoas que venham a ter mais de uma destas diagnosticadas. Evitou-se na *Classificação Internacional de Doenças - CID* - promovida pela Organização Mundial da Saúde - OMS, de designar o termo “deficiência” ao se referir a sujeitos diagnosticados com algum transtorno, por ser um conceito amplo, aderindo desta forma por adjetivos e um verbo no infinitivo, como incapacidade ou desvantagem (AMIRALIAN, E. M. I. E. L., 2000, p.3). A terminologia empregada à esses adjetivos, também fora alvo de muitos questionamentos, pelo fato desta representar pessoas, sujeitos pensantes, que na maioria das vezes possuem dificuldades em aceitar as suas condições.

Assinalou que essa discussão tem gerado uma consciência cívica e social da importância da precisão lingüística, produzindo efeitos benéficos, tais como uma unificação dos termos utilizados em textos legislativos e normativos. (VISO apud AMIRALIAN, E. M. I. E. L., 2000, p. 4).

Esta dificuldade de aceitação do termo, também incumbi-se ao fato de que as pessoas, principalmente crianças, diagnosticadas com algum tipo de deficiência, vivenciam diversas experiências de preconceito, sejam estas em casa, nas escolas,, em interações sociais; pelo fato de não serem compreendidas por demais pessoas visto à sua forma de comunicação (BERNARDINO, 2013, p.9). Compreendido este fato, também nota-se a importância da escola adaptar suas metodologias de ensino para incluir estes indivíduos, a fim de tornarem-se independentes e capazes de sobreviver na sociedade.

A Educação Inclusiva pode enfatizar a aprendizagem significativa, a socialização, a formação para o exercício da cidadania e preparar para a inserção no mercado de trabalho. (SECRETARIA DO ESTADO DO DIREITO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, s/d, p.5).

Também deduz-se que, o processo de diálogo entre família, escola e sociedade, não de facilitar nas estratégias pensadas para solucionar os problemas da educação inclusiva, visto que, tais debates, permitem uma reflexão sobre como agir em relação à diferença (AMIRALIAN, E. M. I. E. L., 2000, p.6).

### 3.1 O QUE É O AUTISMO?

A palavra “autismo”, encontra sua origem do vocábulo grego “autos”, que significa “de si mesmo”. Nomeado pelo DSM-5 de *Transtorno do Espectro Autista - TEA* - é, ainda, uma das patologias crônicas de maior complexidade e variabilidade em relação aos aspectos cognitivos, comportamentais, sensoriais, psicomotoras e de linguagem (LORO, 2021, p.21). Pode-se deduzir que, ainda, é muito recente o padrão de critérios diagnósticos para esse transtorno, estes vieram após o autismo entrar no catálogo da OMS de *Classificação Internacional de Doenças* - o CID - em 1979, ganhando uma categoria à parte, somente no ano de 1993 (LORO, 2021, p.24). No ano de 2013, o

autismo passou a ser classificado pelos níveis de intensidade em um indivíduo, partindo do nível 1 (leve) até o nível 3 (grave) e, também, deixou de ter uma idade específica para o início dos sintomas.

O DSM-5 delimita o autismo como problemas significativos na comunicação social e interações (verbal e não verbal), além de padrão repetitivo de interesse (motor, verbal, rotinas, rituais, interesses restritos e comportamentos sensoriais incomuns). (LORO, 2021, p.24).

A autora também descreve os sintomas perceptíveis em cada nível de intensidade do autismo, como: déficits persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, déficits na reciprocidade sócio emocional, padrões restritos e repetitivos de comportamentos. Sabe-se que indivíduos diagnosticados com o TEA, possuem uma considerável diferença em seu processamento auditivo, pois o aumento cerebral pode hiper desenvolver determinadas regiões do cérebro, como o lobo temporal e frontal. Devido a esse fato, a audição destes indivíduos poderá ter um funcionamento acima da média a certos estímulos, o que justificaria as habilidades musicais surpreendentes que estes sujeitos possuem, partindo da visão neurocientífica (LORO, 2021, p.37). Outras diferenças estão relacionadas à aspectos da linguagem, desenvolvimento psicomotor, integração social e estereotípias. Quanto ao tratamento do TEA, é realizado geralmente, de forma individualizada e aplicado por uma equipe multidisciplinar, a qual pode vir a mesclar abordagens terapêuticas, dietas e intervenções farmacológicas (LORO, 2021, p.43).

### 3.2 PERDA PARCIAL OU PERDA TOTAL DA VISÃO

Também nominada com a terminologia “Deficiência Visual”, trata da abordagem de indivíduos com perda parcial ou total da visão, seja esta de forma congênita ou adquirida. O nível da acuidade visual pode variar, determinando em dois grupos: de pessoas cegas e o de pessoas com baixa visão<sup>2</sup> (TUDISSAKI, 2014, p.45). Indivíduos com cegueira, possuem uma perda total da visão ou uma pequena capacidade de enxergar, o que as obriga indiretamente a usar a linguagem braille para a leitura e escrita; estes, utilizam os sentidos remanescentes para a percepção, análise e compreensão do ambiente, cuja são: a audição, o paladar e o olfato. Alguns autores classificam os tipos de cegueira em três categorias: 1) Cegueira Parcial; 2) Próximo à cegueira total; 3) Cegueira total ou amaurose; sendo que a terceira pressupõe a completa perda de visão. Em relação à baixa visão ou visão subnormal, a pessoa apresenta comprometimento visual mesmo após o tratamento ou correção óptica, pois, cada uma enxerga de forma diferenciada de acordo com as alterações que podem ocorrer.

Os dois termos estão corretos: baixa visão ou visão subnormal. No entanto, o primeiro é mais recente e mais comum – utilizado, inclusive, em instituições especializadas e na literatura específica. O uso do termo baixa visão foi recomendado pela Organização Mundial de Saúde

---

<sup>2</sup> De acordo com Tudissaki (2014), o termo “baixa visão” é atribuído à pessoa que apresenta um comprometimento visual independente da realização de uma cirurgia ou correção óptica. Os sujeitos com baixa visão não possuem um padrão, de acordo com as alterações, podem vir a adquirir prejuízos: na acuidade visual, na visão de cores, etc (p.45).



(World Health Organization/WHO) e pelo Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual (International Council for Education of people with visual impairment – ICEVI), em reunião realizada em Bangkok, na Tailândia, em 1992. (TUDISSAKI, 2014, p.46).

Quanto à idade na qual pode se manifestar, a deficiência visual pode ser congênita: desde a gestação ou imediatamente após o seu nascimento; ou adquirida. Ambas acarretam em características distintas para o processo de desenvolvimento de um indivíduo (TUDISSAKI, 2014, p.5).

#### **4 DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NAS INSTITUIÇÕES**

Frequentemente, dialoga-se a respeito da importância do ensino de Música e, de demais áreas da educação, desenvolverem metodologias que incluam em seu ensino todo o tipo de pessoa, independentemente desta possuir ou não algum tipo de transtorno ou deficiência. Ao pesquisar a respeito de práticas educativas musicais direcionadas à indivíduos diagnosticados com TEA ou outro transtorno, o autor percebeu que uma grande maioria destas, não exploram além dos princípios básicos da teoria e prática musical. Logo, para responder às hipóteses formuladas no projeto deste trabalho, fora pensado em atividades comumente utilizadas em aulas de Música, mas com sua metodologia adaptada conforme a turma de educandos, por exemplo: nas turmas com crianças autistas, utilizou-se muito recursos visuais, atividades que estimulam a pronúncia de palavras, e atividades que desenvolvem a coordenação motora e habilidades sociais; aos educandos com perda parcial ou total da visão, recorreu-se ao uso de materiais palpáveis, recursos sonoros, atividades que desenvolvem a coordenação motora e a motricidade fina. Quanto ao repertório, foi construído aderindo as sugestões dos educandos com base em seus gêneros/estilos musicais preferidos, bem como, canções do folclore popular brasileiro. Ressalta-se que, os objetivos das aulas não foram tornar os educandos profissionais na área da Música, e sim, sujeitos capacitados para atuar e fazer a diferença na sociedade. Portanto, o método avaliativo usado em relação aos alunos, foi o participativo, ou seja, aquele que avalia a participação, o interesse e o esforço do educando em realizar as atividades e tarefas propostas pela disciplina. De tantos aprendizados adquiridos nestas experiências, uma em especial que chamou a atenção do autor, está relacionada com a valorização da Música por parte dos indivíduos especiais, pelo fato, de compreenderem esta como algo essencial em suas vidas, e por também demonstrarem uma certa facilidade para compreender os conceitos direcionados à mesma área. Outro aspecto interessante, presenciado em ambas experiências, trata-se da ligação terapêutica e espiritual da Música com os indivíduos, pois, indiretamente, enquanto realizava-se práticas que trabalhavam e ao mesmo tempo desafiavam a coordenação motora ou a motricidade fina, refletia-se a respeito de aspectos como: autoestima, autoconfiança, amor próprio, trabalho em equipe.



## 5 EPÍLOGO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar o trabalho desenvolvido nestas instituições, foi possível concluir que as hipóteses levantadas na concepção desse projeto estavam certas e, conseqüentemente, respondem à pergunta inicial levantada na introdução deste artigo. Na parte científica, a Música contribui no sentido de esclarecer aos indivíduos, de forma teórica e prática, a respeito de um saber importante para a sociedade. Quanto a abordagem artística, além de auxiliar o indivíduo a conhecer melhor a si mesmo, a Música também desenvolve a capacidade criativa no momento em que usufrui de seus elementos - ritmo, melodia, harmonia e contraponto - e também, a capacidade do pensamento crítico, partindo do pressuposto que para elaborar uma canção, torna-se necessária a atenção para tudo o que aconteceu e acontece na sociedade. Portanto, a principal mensagem que busquei compartilhar com os educandos durante o estágio, fora que, assim como todos os elementos musicais são importantes na elaboração de uma belíssima canção, também é com a sociedade, onde todos os sujeitos, independentemente da profissão, religião, cor, etnia, tornam-se importantes agentes na construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Elíoenai Dornes, C., C., S., S., F. *CUIDANDO COM ARTE: a promoção da saúde por meio da música*. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 14, n. 1, p. 714-735; 2016.

AMIIRALIAN, Maria LT, E., M., I., E., L.,. *Conceituando Deficiência*. Laboratório Interunidades de Estudos sobre Deficiências do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; São Paulo, 2000.

BRITO, Teca de Alencar; *O HUMANO COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO MUSICAL: O PENSAMENTO PEDAGÓGICO MUSICAL DE JOACHIM HANS KOELLREUTER*. 2001.

DOS SANTOS, Carla Pereira. *EDUCAÇÃO MUSICAL NOS CONTEXTOS NÃO-FORMAIS: UM ENFOQUE ACERCA DOS PROJETOS SOCIAIS E SUA INTERAÇÃO NA SOCIEDADE*. 2007.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa; São Paulo, 2008.

LOURO, Viviane. *Educação Musical, Autismo e Neurociências*. Editora e Livraria Appris Ltda. Av. Manoel Ribas, 2265; Mercês, Curitiba / Paraná, 2021.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*, Trad. Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo - Moderna, 2003.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar. *Ensino de música para pessoas com deficiência visual*. Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes; São Paulo, 2014.